

A PRESENÇA TUNISINA EM PORTUGAL

ALCINDA CABRAL

C.E.A.A.

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

SUMÁRIO

Este artigo pretende dar a conhecer parcialmente os resultados de uma investigação que está nos seus inícios e que se quer continuar. Trata-se de apresentar a comunidade tunisina que vive em Portugal e particularmente a população feminina. O sentido que se imprime a este estudo é uma análise dos processos e estratégias de aculturação de cidadãos de um país árabo-muçulmano transplantados para uma sociedade europeia tradicionalmente católica. Para entender condutas e trajectórias, remontámos às suas origens, através de um breve percurso histórico-político desde a independência do país até ao presente, tendo como vector a emancipação feminina.

ABSTRACT

One of the aims of this article is to present the results of a study in progress. It describes the Tunisian community in Portugal and the female population in particular. One of the concerns of this study is to analyse the processes and strategies of the acculturation of Arabo-Muslim citizens transplanted into a European catholic society. In order to perceive its ways and manners, the study goes back to its origins of this community. Thus it offers a brief historical and political account from the time of the country's independence to the present, focusing particularly on the emancipation of women.

PERFIL SOCIO-CULTURAL DOS TUNISINOS QUE VIVEM EM PORTUGAL

Durante muito tempo, a necessidade de emigração dos Portugueses foi sublimada por certas correntes políticas e jornalísticas, que a transformaram em “vocação” ancestral, ligando-a às navegações e às colonizações. Essa faceta encontra-se no presente de cada vez mais afastada da realidade, cedendo a proeminência ao movimento inverso de imigração. E se é certo que, como comumente se afirma, os principais fluxos são procedentes das antigas colónias, essa tendência, que constituía uma constante na origem da mão de obra europeia estrangeira, também se está a inflectir. É o caso da imigração recente de 56 Tunisinos, que não escolheram a França, seu país colonizador, para se instalarem, tendo-lhe preferido Portugal. Foi essa população que chamou a nossa atenção e que serve como objecto de um estudo que encetámos no corrente ano lectivo 1999/2000 e do qual nos propomos apresentar aqui a primeira parte. O nosso método de análise teve por base um trabalho de campo inicial, que conduziu à redacção de um questionário composto por 22 perguntas fechadas e por 6 perguntas abertas, o qual foi distribuído à totalidade destes Tunisinos, visando a caracterização do seu perfil. Este estudo foi ainda completado com informações e documentos gentilmente fornecidos pela Embaixada da Tunísia em Portugal.

Os Tunisinos residentes em Portugal são essencialmente homens (quase 80%):

Tunisinos em Portugal por sexo



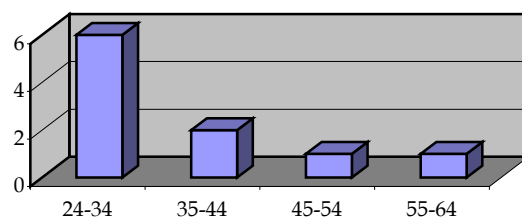
Fonte: Embaixada da Tunísia em Portugal, Dezembro 1999

Nesta população existe apenas um casal que vive em Portugal. Os outros homens, embora 90% sejam casados, deixaram a família no país de origem. As mulheres tunisinas vivendo em Portugal são celibatárias. Sendo assim, nesta amostra praticamente não há crianças. A quase totalidade das uniões é endogâmica, com uma só excepção de casamento exogâmico de um Tunisino

com uma Portuguesa. O facto de a mobilidade ser sobretudo masculina e individual constitui um indicador de que os seus projectos de residência extra-muros são instáveis.

São sobretudo os jovens que tomam a iniciativa de se instalarem em Portugal: 60% destes Tunisinos tem actualmente entre 24 e 34 anos:

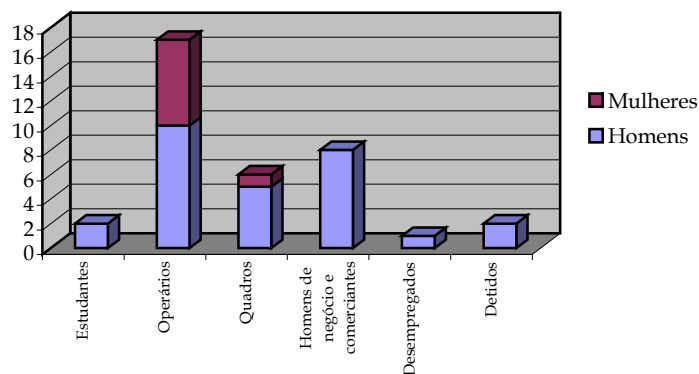
Tunisinos em Portugal por idade



Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

Por que vêm eles para Portugal? 70% invoca como causa o trabalho. As mulheres são essencialmente operárias ou empregadas (quase 90%), havendo apenas uma que não trabalha (a que é casada com um compatriota) e outra que trabalha em Lisboa como quadro:

Categorias Profissionais

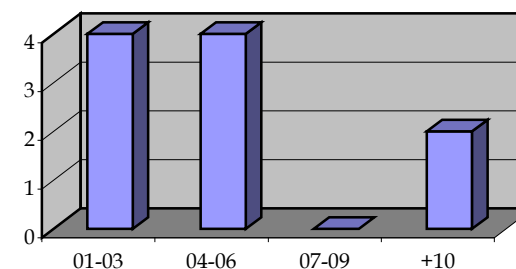


Fonte: Embaixada da Tunísia em Portugal, Dezembro 1999

Os homens são sobretudo operários e empregados. 29% são empresários e comerciantes e 18% são quadros. Há uma percentagem de 7% de estudantes, que acompanhou os pais na sua trajectória de imigração.

A deslocação desta população é recente: 80% imigrou há menos de 6 anos:

Número de anos de permanência em Portugal



Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

Metade da população desta amostra não sabe se vai permanecer em Portugal e somente 20% declara ter a firme intenção de adoptar definitivamente a terra de destino. A sua deslocação é devida em particular a causas económicas. Segundo os depoimentos, os seus corações ficarão para sempre na Tunísia: o país de origem representa "as raízes, a terra-mãe, o passado, a família, tudo. Não há palavras suficientes para exprimir os sentimentos a esse respeito". A Tunísia é vista como um passado saudoso, dolorosamente deixado: "Para mim, a Tunísia é a minha vida, a minha família e o meu nascimento. A Tunísia é o país onde vivi muito tempo. Ele ocupa uma parte muito grande e muito interessante no meu coração".

90% destes Tunisinos vai uma ou duas vezes por ano à Tunísia e manifesta um grande apego a essas férias. Os que não vão com frequência ao país de partida é por causa de dificuldades financeiras:

Quantas vezes por ano vai à Tunísia.	
Nunca	10%
1	50%
2	40%
total	100%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

Nos testemunhos de todos os nossos interrogados aparece insistentemente a saudade das origens, que os invade quotidianamente, embora o país de acolhimento seja visto, em geral, de uma forma favorável: *“É um país onde se vive agradavelmente”*; *“Portugal é a minha segunda pátria. É um país bonito. Para mim é um paraíso”*. Ele é considerado como uma mãe adoptiva que trata bem os filhos, conquanto ninguém esteja à altura da verdadeira mãe, que os viu nascer e crescer: *“Se alguém me pedisse para ordenar a dezena de países que visitei, Portugal seria o primeiro, após a Tunísia, naturalmente”*; *“Para mim, Portugal é um país muito bonito e que me agrada muito. Mas é estrangeiro. Para uma pessoa que vive no estrangeiro e que está longe da sua pátria e da sua família é um pouco difícil de suportar, mas é a vida e a necessidade de trabalhar que nos obrigam a isso”*. Há, todavia, excepções: uma minoria vê Portugal como um país onde a imigração se vive dificilmente: *“Não é um país que ofereça muitas oportunidades a um simples emigrado árabe. Portugal é um país muito burocrático”*.

Portugal interessa esta população:

Procura conhecer Portugal ?	
sim	80%
um pouco	20%
total	100%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

A imagem que os nossos respondentes têm dos Portugueses é muito positiva, revelando uma cooperação e uma comunicação interessantes: *“Os Portugueses são generosos, simpáticos, respeitosos e solidários”*; *“É um povo acolhedor que tem alegria de viver”*; *“Os Portugueses são pessoas muito simpáticas, acolhedoras, sociáveis e que gostam de ajudar os outros”*.

Os seus lazeres são diferentes segundo se encontram num país ou no outro. Em Portugal, passeiam, lêem e vão ao cinema, enquanto na Tunísia preferem passar os tempos livres com a família e os amigos:

Sai mais:	
em Portugal	67%
na Tunísia	22%
igual	11%
total	100%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

A sua música preferida é a do país de origem: 60% afirma gostar muito da música árabe:

Gosta da música:			
	árabe	francesa	portuguesa
muito	60%	30%	30%
um pouco	30%	60%	60%
sem resposta	10%	10%	10%
total	100%	100%	100%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

Quanto à alimentação, 80% gosta da comida árabe e da portuguesa, enquanto apenas 50% gosta da comida francesa. Naturalmente que aquela que tem a sua preferência é a árabe: 50% aprecia-a muito:

Gosta da cozinha:			
	árabe	francesa	portuguesa
muito	50%	20%	30%
um pouco	30%	30%	50%
nada	10%	20%	0%
sem resposta	10%	30%	20%
total	100%	100%	100%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

A questão da religião, fundamental em qualquer caracterização, é de um interesse particular aqui, visto a Tunísia ser um país árabo-muçulmano e Portugal ser um país de tradição predominantemente católica. Assim, quisemos abordar esta temática, mas depressa compreendemos que se trata de algo considerado demasiado sagrado para fazer parte de um estudo científico: 40% das pessoas respondeu a todas as questões, excepto às que diziam respeito à religião. 40% pratica regularmente a religião e 10% pratica-a às vezes. Apenas 10% confessa não a praticar:

Pratica a religião ?	
sim	40%
por vezes	10%
não	10%
sem resposta	40%
Total	60%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

O local escolhido para essas práticas em Portugal é o domicílio familiar, não utilizando as mesquitas, devido a não serem numerosas e ficarem por vezes distantes das suas residências. Este público declara praticar a religião tão intensamente em Portugal como na Tunísia.

A questão da língua revela-se pertinente, visto estarmos em presença de falantes trilingues em termos relativos. O árabe é a sua língua de origem, o francês foi aprendido na escola e o português é agora a sua língua de comunicação veicular:

Línguas faladas em Portugal			
	árabe	francês	português
em família	70%	50%	70%
no trabalho	20%	50%	60%
com os amigos tunisinos	60%	40%	20%
com os amigos portugueses	10%	20%	60%

Fonte: Questionário, Fevereiro 2000

O árabe é a língua escolhida para comunicar com os amigos tunisinos (60%) e a família (70%). É o idioma das origens, das raízes, a língua do coração: *“É a minha língua materna, com a qual aprendi a ser eu próprio. Embora fale mais quatro línguas, o árabe tem um lugar especial”; “É a língua do Corão, sagrada, rica, a minha identificação”; “Gosto muito do árabe e gostaria de poder falá-lo mais. Adoro ouvir falar a língua árabe”*. Com os amigos portugueses e no trabalho, a língua escolhida é naturalmente a do país de residência (60%): *“Falo-a com os colegas e amigos. Ela representa o contacto com a vida quotidiana”; “É a minha segunda língua”; “Gosto da língua portuguesa. Estou neste momento a frequentar aulas de português para estrangeiros e estou muito interessada”*. É interessante constatar que em família tanto se fala o árabe quanto o português (70%). No trabalho utiliza-se quase tanto o português (60%) como o francês (50%): *“O francês é um instrumento de trabalho profissional”; “Uma boa parte dos meus estudos foi feita em língua francesa, por isso tenho afinidades com essa língua e gosto de falá-la”*. A língua de melhor expressão é o árabe para 90% das pessoas interrogadas. Apenas 10% confessa exprimir-se melhor em francês.

CONSIDERAÇÕES

Este início de investigação permitiu-nos chegar a algumas constatações gerais e também particulares. Actualmente, as identidades colectivas parecem diluir-se nos processos de globalização (Aguirre, 2000: V) em que

toda a gente reage e se comporta da mesma maneira. Esta “aldeia global” que é o mundo de hoje conduz a uma semelhança exterior das pessoas de todos os cantos da terra, no que respeita ao vestuário, à música, aos filmes e a outros lazeres, à cozinha e mesmo à língua (Cabral, 2000b: 3-4), porque¹:

As distâncias encurtaram-se e os meios de comunicação informam-nos, atempadamente, de tudo o que se passa, em qualquer lugar da terra. As guerras, a política, a economia, tudo se internacionalizou. Parece que já não somos soberanos da nossa identidade, mas que pelo contrário a globalidade nos dissolve e decide em nosso lugar.” (Aguirre, 2000: 1).

Este fenómeno mostra-se sobretudo visível no mundo urbano, onde o cosmopolitismo e o multicultural estão de cada vez mais presentes, tornando as cidades muito mestiçadas e culturalmente plurais.

Além disso, os acordos, as parcerias e as alianças que se celebram em todos os domínios: económico, militar, tecnológico, científico e outros, fazem quase desaparecer as identidades regionais e nacionais e criam laços de supra-identidade. Entretanto, apercebemo-nos que²:

“Contra esta dissolução centrífuga na globalidade está surgindo um movimento centrípeto de identidade” (Aguirre, 2000: 1).

É o que se passa neste grupo etno-cultural de Tunisinos que vive em Portugal, o qual afirma a sua identidade de origem como uma diferença, um particularismo cultural. Contudo, a mudança não o colocou numa situação de segregação cultural em relação à sociedade de acolhimento e à cultura europeia (Cabral, 2000a: 33). Pelo contrário, ele aproveitou a vitalidade da interacção cultural para refazer e reafirmar uma nova identidade, beneficiando do diálogo com a nova sociedade em que se integrou.

¹ Las distancias se han acortado y los medios de comunicación nos informan, puntualmente, de todo lo que pasa, en cualquier rincón de la tierra. Las guerras, la política, la economía, todo se ha internacionalizado. Parece que ya no somos soberanos de nuestra identidad, sino que la globalidad nos disuelve y decide por nosotros.

² Contra esta disolución centrífuga en la globalidad, está surgiendo un movimiento centrípeto de identidad.

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES TUNISINAS

APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA E DOS OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste trabalho, cuja análise quantitativa acabámos de apresentar acima, tencionamos dar um lugar de estudo privilegiado à mulher e assim iniciámo-lo a partir de um duplo eixo de interesses. Por um lado, pretendemos conhecer a evolução experimentada no decorrer dos últimos anos pelas Tunisinas no seu país. Por outro lado, visamos inteirar-nos da aculturação sofrida pelas mulheres árabo-muçulmanas expatriadas para um país ocidental e particularmente para Portugal.

Para tal, entrevistámos três mulheres tunisinas, por meio de uma entrevista semi-directiva. O critério de selecção obedeceu a três variáveis: idade, estado civil, actividade profissional. No que respeita à idade, quisemos uma certa variedade: uma destas mulheres está na faixa etária dos vinte anos, a segunda encontra-se na dos trinta e a terceira na dos cinquenta. Quanto ao estado civil, escolhemos duas casadas e uma solteira. No que concerne à actividade profissional, apesar de a maior parte das mulheres tunisinas se ter instalado em Portugal para trabalhar, conseguimos entrevistar uma que não trabalha. No que se refere às outras duas, uma é quadro jurídico e a outra é diplomata. Assim, enquanto as duas últimas manifestam uma identidade pessoal forte, fruto da sua independência profissional e social, a primeira vive na sombra do marido, quadro numa empresa. As entrevistas com as que exercem uma profissão desenrolaram-se formalmente, nos seus locais de trabalho. Quanto à outra, o encontro decorreu de maneira muito mais informal, visto ter ocorrido em sua casa, na presença do marido. Durante a nossa conversa, de cada vez que lhe colocávamos uma questão, ela olhava para o marido antes de responder, o que determinou que metade das respostas fosse dada por ele, o qual traçou assim, nesta ocorrência, fronteiras bem marcadas ao papel da esposa, que se limitava a um aquiescer passivo. Trata-se de uma recém-casada, que está a estudar português, a fim de poder exercer uma profissão de quadro médio, cujo curso tirou no seu país antes de casar. O marido explicitou a situação em termos muito pragmáticos, em que o trabalho feminino no seio do lar exerce mais uma função de utilidade produtiva em vista de um salário que de realização pessoal própria: *“Nós procuramos actualmente mulheres que trabalham, porque a vida é difícil. Tem-se necessidade de muito dinheiro para viver convenientemente.”*

O perfil socio-cultural de cada uma destas três mulheres é, então, o seguinte:

* Nadia tem vinte e poucos anos, fez os estudos na Tunísia e em seguida casou. Vive em Portugal há um ano, onde veio juntar-se ao marido, no âmbito do reagrupamento familiar. Não trabalha por enquanto, mas deseja encontrar uma ocupação, porque o marido é obrigado a viajar muito, por razões profissionais, e ela sente-se um pouco só. No entanto, gosta muito de Portugal, porque: *“as Portuguesas gostam de ajudar as outras mulheres e, quando encontram no seu país uma estrangeira, são muito simpáticas para com ela. As minhas vizinhas já me ensinaram a preparar alguns pratos portugueses”*.

O seu discurso é de uma extrema simplicidade e apresenta mesmo uma certa ingenuidade, típicas de falta de maturidade, devida à sua juventude e ao facto de ter um marido muito protector. Ela sente-se orgulhosa por dois motivos: ter a seu lado um homem que conhece o mundo e ter vindo instalar-se em Portugal. É a primeira vez que sai do seu país e sente a expatriação como uma promoção. Até preferiu que a nossa entrevista decorresse em português, em vez do francês, apesar de manifestar competências linguísticas ainda restritas em português, porque queria mostrar a sua aculturação. A Europa é para esta jovem um “El Dorado”, onde se vive melhor e em mais liberdade, embora continuando a ter muita ligação com a família. Para além disso, ela sente que os seus próximos consideram que ela fez um excelente casamento, porque tem um marido muito viajado e com um bom emprego no estrangeiro. O facto de ter tido sucesso laboral na Europa age como factor de prestígio.

* Fatima está na faixa etária dos trinta. Trabalha num banco. Vive em Portugal desde há dois anos e a sua instalação aqui deve-se a uma proposta de trabalho que lhe fizeram no seu país e a qual ela aproveitou porque queria expatriar-se e Portugal, que ela tinha visitado anteriormente, agradava-lhe, a ponto de encontrar neste espaço nacional muitos pontos comuns com o seu país de origem: *“Eu queria ter uma visão das coisas mais ampla, tanto no plano profissional como no sector privado. Como mulher tunisina, sempre pretendi ter experiências de vida na Europa. Quando me propuseram deixar o país, disse: – Em Portugal, sim; em França, não, embora sejamos mais próximos da França, porque fomos colonizados pelos Franceses. Aqui não me sinto estranha. A mudança não me colocou nenhum problema, porque trabalho num escritório internacional. E Portugal é a Europa, é o Ocidente”*.

Esta jovem deseja que a sua instalação em Portugal seja permanente e justifica os seus projectos: *“A minha formação cultural e social tunisina é uma formação árabe e muçulmana, mas também ocidental, porque eu vivi sempre na Tunísia, mas frequentei uma escola francesa. Tenho muitos amigos europeus. Na minha formação pessoal sempre houve o oriente e o ocidente”*.

* Hadda tem à volta de cinquenta anos, é casada, trabalha como diplomata, vive em Portugal há três anos. Fez os estudos na Tunísia e em seguida ocupou lugares em vários países. A sua profissão ensinou-lhe sem dúvida a discrição. O seu testemunho é claro e sucinto.

A ordem seguida na apresentação destas três mulheres obedeceu a uma progressão ascendente no que respeita à idade, todavia, os esboços dos seus retratos também nos permitem uma leitura relacionada com a aculturação, obedecendo ao mesmo tipo de gradação. Considerando os seus níveis culturais ascendentes partindo da primeira até à terceira, constatamos que a atracção pelo ocidente e a assimetria latente interiorizada entre o ocidente e o oriente se vão atenuando.

Os itinerários das três mulheres apresentadas aqui não são singulares, mas plurais. Revelam experiências e concepções diferentes, mas também pontos comuns. Tentaremos reconstituir parcialmente as suas histórias de vida e a sua ligação com Portugal. Em seguida, através dos seus retratos cruzados, procuraremos mostrar, quer a sua homogeneidade, quer a sua heterogeneidade, em particular face à vida e às condutas nos dois espaços de partida e de chegada.

QUADRO POLITICO-SOCIAL NA TUNÍSIA

Para uma melhor compreensão das reacções destas mulheres transplantadas de um meio socio-cultural para outro, começámos pelas suas origens. Baseámo-nos no conteúdo de duas brochuras editadas pelo Ministério Tunisino dos Assuntos da Mulher e da Família. Nesses textos, a Tunísia reclama para si própria um lugar³

“na vanguarda de todos os países árabo-islâmicos, incluindo os do Magrebe” (1996: 29).

³ À l’avant-garde de tous les pays arabo-islamiques y compris ceux du Maghreb.

Para tal, os pontos de partida invocados são a independência e a democratização do país. Como corolário maior destas aquisições, surge a emancipação feminina⁴,

“que veio responder a uma profunda aspiração popular e a uma inclinação natural da Tunísia para o progresso” (1996: 29).

O objectivo principal das medidas tomadas após a independência visa romper com o passado, considerado “obscurantista” (1996: 30)⁵. Como instrumentos em ordem a atingir-se este fim, vários documentos são promulgados no sentido de estabelecer a igualdade entre homens e mulheres face à lei, visto ser este sem dúvida o primeiro passo para chegar à igualdade de facto. Esta legislação compreende:

- O Código do Estatuto Pessoal, de 1956, consagrando ⁶

“a obrigação fundamental ditada pelo Islão a todos os Muçulmanos e Muçulmanas no sentido de se instruírem, de se respeitarem mutuamente e de se entre-ajudarem”;
- A Constituição, de 1957, dando também às mulheres o direito de serem eleitoras e elegíveis;
- O Código Eleitoral, de 1969, atribuindo o direito de eleitor com a idade de 20 anos;
- A Declaração de 7 de Novembro de 1987, na qual a questão da mulher ⁷

“se coloca como uma das dimensões essenciais do novo projecto de sociedade”;

⁴ est venue répondre à une profonde aspiration populaire et une inclination naturelle de la Tunisie vers le progrès.

⁵ obscurantiste

⁶ l’obligation fondamentale que fait l’Islam à tous les Musulmans et Musulmanes de s’instruire, de se respecter mutuellement et de s’entraider.

⁷ se pose comme l’une des dimensions essentielles du nouveau projet de société.

- O Pacto Nacional e a Lei sobre os Partidos, de 1988, que confirmam os princípios de igualdade e de liberdade entre homens e mulheres;
- As Revisões do Código do Estatuto Pessoal, do Código da Nacionalidade e do Código do Trabalho, anunciadas em Agosto de 1992 pelo Presidente da República e adoptadas em 1993 pela Câmara dos Deputados;
- O Código da Nacionalidade, de 1993, que confere à mulher o direito de transmitir a nacionalidade aos seus filhos nascidos fora da Tunísia. (1996: 29-31)

Todas as leis incluídas nestes documentos referem explicitamente a mulher. Isto significa o reconhecimento da assimetria entre os direitos em vigor relativos ao homem e à mulher e afirma uma vontade declarada de atribuir a igualdade de direitos aos dois sexos. As maiores conquistas das mulheres desde 1956 dizem respeito à abolição da poligamia, à instauração do divórcio judicial, à proibição da repudição da mulher e o direito atribuído à mãe de conservar a tutela dos filhos menores em caso de falecimento do pai.

Além dos direitos jurídicos, as mulheres adquiriram direitos cívicos, económicos e sociais, tais como o direito ao trabalho consagrando a não-discriminação, o direito à gestão dos bens pessoais, o direito à licença de parto, o direito à obrigação escolar dos 6 aos 16 anos em paridade com os homens, direitos relativos à saúde e ao planeamento familiar (1996: 32-37). Estas medidas em favor das mulheres, baptizadas de “impulsão democrática” (1998: 9)⁸, conheceram um progresso significativo nos anos 90, com o desenvolvimento e a criação de mecanismos apropriados:

- O Centro de Investigação, de Estudo, de Documentação e de Informação sobre a Mulher, em 1990;
- A Comissão “Mulher e Desenvolvimento”, em 1991;
- O Conselho Nacional “Mulher e Família”, em 1992;
- O Ministério dos Assuntos da Mulher e da Família, em 1992.

⁸ *impulsion démocratique*

Se é certo que a mulher em geral e a mulher tunisina em particular foi promovida a um estatuto de reconhecimento das suas capacidades que não tinha conhecido anteriormente, não é menos verdade que o lugar que lhe é atribuído por governantes que são ainda em maioria do sexo masculino é devido a uma tomada de consciência do papel que ela pode desempenhar na manutenção dos princípios que conduzem ao bom funcionamento das estruturas políticas do Estado. Isto confirma-se no caso presente, em que o sentimento a este respeito é afirmado pelas forças políticas tunisinas nos termos seguintes:⁹

“A mulher é uma força de progresso e a promoção do equilíbrio social entre os homens e as mulheres é um dos atributos da invulnerabilidade da pátria” (1996: 23).

AS TUNISINAS EM PORTUGAL

O fio condutor deste pequeno estudo que guiou as nossas entrevistas é o princípio reiterado nas publicações ligadas ao actual poder na Tunísia, cujo sentido diz respeito a uma dualidade: adesão à universalidade e apego aos valores identitários (1998: 59)¹⁰.

⁹ La femme est une force de progrès et la promotion de l'équilibre social entre les hommes et les femmes est un des attributs de l'invulnérabilité de la patrie.

¹⁰ Guião da entrevista

1. Pode traçar em poucas frases o seu percurso de vida até ao presente?
2. Que pensa sobre a emancipação da mulher tunisina:
 - é um fenómeno recente?
 - quais são as mudanças?
 - as mulheres dos meios mais desfavorecidos e as mais velhas aderem a esse movimento?
3. Poderia comentar o extrato da brochura “Mulheres da Tunísia”, editada em 1996, que aparece na página 29:

“É em nome de uma dupla referência ao Islão e à racionalidade e de uma dupla exigência de respeito da sua identidade árabo-islâmica e de abertura à modernidade e à civilização universal que a Tunísia fez a opção de emancipar as mulheres”.
4. Qual é a reacção dos homens a essas mudanças, particularmente dos mais velhos?
5. Pode referir-se ao lugar da mulher na Europa, e sobretudo em Portugal, através de comparações e de oposições entre esta sociedade e a sua sociedade de origem?
6. Que laços pode uma mulher árabo-islâmica estabelecer com os Portugueses: compatibilidade? / ruptura?
7. Poderia traçar muito brevemente o seu retrato de mulher?

De facto, duas destas três mulheres invocaram a data memorável do dia 13 de Agosto de 1956, em que a mulher adquiriu a sua independência em igualdade de direitos com o homem. Elas sentem-se orgulhosas por causa desse acontecimento: *“Nos outros países árabes e muçulmanos, não há o Código do Estatuto Pessoal, por isso o estatuto da mulher não é comparável. Nesses países, o princípio de igualdade entre homem e mulher não existe, nem na lei, nem na mentalidade”* (Fatima).

Também realçam o facto de a emancipação das Tunisinas não ser recente, mas, mais propriamente, fruto de toda uma evolução: *“Das leis passou-se muito naturalmente à mudança de mentalidade e à nova prática. Desde então, há uma perfeita igualdade entre homem e mulher. A mulher tem as mesmas oportunidades que o homem. E, neste aspecto, a Tunísia pode comparar-se a qualquer país europeu”* (Hadda).

Outra das entrevistadas não é tão afirmativa no concernente a esta temática: *“Há igualdade nas leis, mas há sempre a mentalidade. Há as mudanças, mas há o lado conservador. Depende dos meios. A mulher da Tunísia rural não é como a mulher da cidade. Isto acontece em qualquer país, não apenas na Tunísia”* (Fatima).

Estas mulheres sentem-se sobremaneira orgulhosas desta igualdade de oportunidades, já que a Tunísia *“é o único país árabe que dá a igualdade entre homem e mulher em todos os domínios, excepto no domínio da herança, que é regida pelo Corão”* (Fatima).

O comentário da passagem da publicação *“Femmes de Tunisie”* (1996: 29) que trata da questão da emancipação da mulher ligada à sua identidade árabo-islâmica e de abertura à modernidade e à civilização universal mereceu o consenso das três mulheres: *“Na nossa Constituição há o Islão como religião. Trata-se de uma religião que é aberta e permite evoluir com o tempo, tanto no plano prático como no plano das leis. Nós sempre quisemos conciliar os dois lados. A mulher tunisina quer adaptar-se, ela aceitou estas duas características”* (Fatima).

Quanto à aceitação da mudança pelos homens, as respostas são positivas, conquanto se deva tomar em linha de conta uma diferença nítida entre os meios rurais e os urbanos e entre a capital e as outras cidades. No entanto, elas confessam que as tarefas domésticas e a educação dos filhos enquanto são pequenos não são partilhadas senão por alguns casais mais modernos. Para uma delas, a interpretação desta situação funciona como uma sublimação de algo que poderia ser condenado por autóctones de uma outra

sociedade. E, para ajudar a desfazer esta ideia, ela põe em pé de igualdade a mulher do país de origem e a do país de acolhimento: *“Para uma mulher moderna, não é fácil desempenhar as obrigações familiares, mas, para uma mulher portuguesa ou tunisina, isso não põe problema. Há muitas coisas que são preservadas e que o serão sempre. Portanto, nós ganhámos em relação a outros países, mas, nesses países, verifica-se um alinhamento pelos nossos nesta matéria nos últimos anos”* (Hadda).

Para as outras duas interrogadas, a justificação para a não-partilha do trabalho doméstico está relacionada com a divisão tradicional funcional entre esfera pública e esfera privada: *“A mulher é considerada emancipada fora de casa. Ela tem os mesmos empregos que os homens, por exemplo. Mas no lar, ela é vista por todos os homens do mundo de uma outra maneira. Ela continua a ter um lugar diferente no lar”* (Fatima e Nadia).

Assim, o facto não é visto como uma especificidade tunisina, mas como um traço cultural masculino universal.

Esta ambivalência está bem visível no conteúdo geral de todas as declarações das nossas inquiridas. Por exemplo, a propósito das uniões endogâmicas quase exclusivas nas sociedades árabo-muçulmanas, uma delas afirmou: *“Nós casamos com Muçulmanos, porque a nossa religião proíbe os casamentos fora desta religião. Mas também porque é mais prático, porque estamos na mesma onda”* (Fatima).

O lado ambivalente está presente também em outros domínios, sendo uma consequência de hetero-preconceitos, de hetero-imagens estereotipadas que são recíprocas nas duas sociedades em questão: portuguesa e tunisina. Neste caso preciso, o retrato mais positivamente traçado é o dos homens tunisinos em detrimento dos portugueses, porque a sua autora é uma Tunisina. Em todo o caso, as Portuguesas pensam da mesma maneira, mas em sentido inverso, evidentemente. Trata-se da expressão de sentimentos provocados pela consciência de pertença grupal: *“Não há grande diferença entre a Tunísia e Portugal. No entanto, admira-me que haja uma superioridade do homem português em relação à mulher. A mulher não é um ser apagado. Há igualdade no meio social e do trabalho, mas não no plano afectivo, na relação do casal. Não há uma diferença nítida entre um casal tunisino e um casal português. O homem português é muito possessivo, muito ciumento. Ele é muito macho, mas não em sentido pejorativo. Os homens tunisinos não são ciumentos. Nos casais tunisinos, a mulher não é superior, mas ela comanda um pouco a relação”* (Fatima).

Por outro lado, se as auto-imagens do grupo são positivas, as alusões aos alógenos que os recebem no seu país não são menos prestigiantes quando se trata de interacção societal: *“É fácil fazer amigos portugueses. Portugal, conquanto não tenha fronteiras com o Mediterrâneo, tem todas as características de um povo mediterrânico. Há um contacto muito, muito fácil. As mulheres são muito abertas. Há muito contacto com os Portugueses e tudo se passa bem”* (Hadda).

“Os Portugueses recebem bem os estrangeiros. Os meus amigos aqui são todos Portugueses. Eu não estou nunca com Tunisinos aqui, excepto quando vou à Embaixada. Não há confrontação entre as duas culturas. Nós, Tunisinos, vivemos sempre entre as duas culturas” (Fatima).

Os auto-retratos das nossas três entrevistadas são diversos.:

Nadia tem dificuldade em situar-se: *“É difícil olhar para mim. Sim. Não sei que dizer. É verdade. Sou uma Tunisina que deixou a sua família para vir juntar-se ao seu marido. Sim, uma Tunisina a quem agrada viver em Portugal”*.

Fatima define-se como *“uma mulher tunisina emancipada, aberta. Penso que uma mulher tunisina do mesmo nível socio-cultural que eu se adaptaria bem aqui, mas não tão rapidamente como eu, porque elas são emancipadas, mas há sempre a base muçulmana. Eu não represento o paradigma da mulher tunisina da minha idade, mas represento-as em parte”*.

Hadda é muito precisa e segura: *“Eu sou uma cidadã tunisina que alia todas as suas tradições e todas as suas especificidades à civilização e ao mundo moderno. Sou o exemplo vivo da emancipação da mulher tunisina”*.

CONCLUSÃO

Desta análise qualitativa sumária sobressai um jogo de espelhos entre auto e hetero-retratos, entre auto e hetero-imagens.

É verdadeiramente interessante constatar como cada grupo se representa e representa os outros. Esta representação está cheia de parcialidade, porque faz apelo ao subjectivo, ao emocional¹¹:

“Todo o indivíduo, mediante o processo de “categorização”, ordena o seu meio ambiente através de categorias, agrupando as pessoas, coisas ou factos que tenham alguma característica similar (...). A partir da categorização, o sujeito estrutura e simplifica o meio social. Ao categorizar o “endo-grupo”, o indivíduo minimiza as diferenças entre os membros do mesmo, mas, ao categorizar o exo-grupo, tenderá para fazer ressaltar as diferenças internas” (Aguirre, 2000: 17).

Efectivamente, a situação apresentada aqui corresponde exactamente a esta definição. As nossas três inquiridas fizeram declarações diferentes, mas todas utilizaram o mesmo método de análise. Assim, a cultura árabe é valorizada e a cultura tunisina é sobrevalorizada. O Islão é colocado acima de tudo, mas quando se põe a questão das práticas religiosas, as convicções aparecem por vezes mais diluídas. O conceito de pertença repousa então mais sobre a identidade social que sobre a identidade pessoal, já que o que é evidenciado sempre é o orgulho de estarem incluídas no grupo e não de existirem como pessoas. A imagem mais forte é a do olhar que o colectivo lança sobre o indivíduo. Existe constantemente uma preocupação em cada indivíduo de se ver a si próprio através de duas dimensões: a que é própria ao grupo e a que é diferente, e neste caso, a diferenciação inter-grupal faz surgir a identidade-pertença. Esta tendência universal constitui uma necessidade, a fim de defender e de coesionar o grupo. Ela torna-se mais saliente quando ele teme agressões dos outros grupos causadas por uma

¹¹ Todo individuo, mediante el proceso de “categorización” ordena su entorno a través de categorías, agrupando a las personas, cosas o hechos que tengan alguna característica similar, en cuanto que son relevantes para el sujeto. A partir de la categorización, el sujeto estructura y simplifica el entorno social. Al categorizar el “endogrupo”, el individuo minimiza las diferencias con los miembros del mismo, pero al categorizar el “exogrupo”, tenderá a resaltar las diferencias con el mismo.

diferenciação cultural tão profunda que pode ser confundida com défice cultural. É o que acontece no interior do nosso pequeno grupo de estudo: o oriente é sempre comparado ao ocidente e a cultura árabo-muçulmana à cultura europeia, porque este grupo sente-se culturalmente orgulhoso das suas tradições, mas ao mesmo tempo não sente a sua identidade suficientemente auto-satisfatória a ponto de poder afirmá-la sem fazer um apelo constante à emancipação da mulher e à modernidade, que considera apanágio da cultura ocidental. O tempo e o diálogo poderão sem dúvida conduzir a que as auto-imagens e as hetero-imagens dos dois grupos se afirmem por um maior equilíbrio estatutário recíproco.

BIBLIOGRAFIA

AGUIRRE, Ángel e MORALES, José

2000 *Identidad cultural y social*, Barcelona, Bardenas.

CABRAL, Alcinda

2000a *Entre o multicultural e o intercultural - Portugueses em França*, Porto, Universidade Fernando Pessoa.

2000b "A sobrevivência da interculturalidade num mundo globalizado", in Congresso de Direito e Relações Internacionais num Mundo sem Fronteiras, Porto, Universidade Fernando Pessoa.

MINISTÈRE TUNISIEN des AFFAIRES de la FEMME et de la FAMILLE

1996 *Femmes de Tunisie*, Tunis.

1998 *Droits de la femme en Tunisie*, Tunis.